

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: PROBLEMATIZANDO AS DIFERENÇAS

Fabiane Freire França¹
Renata Santos²

Resumo: O presente artigo³ objetiva investigar as representações de gênero e sexualidade pelos(as) professores(as) do Ensino Fundamental e Médio da rede Estadual de Ensino. Em razão da importância política e social dessa discussão levantamos as seguintes problematizações: Quais as representações sociais que perduram nos dias atuais de professores e professoras em relação ao gênero e a sexualidade? Como tratar as questões referentes ao gênero e sexualidade em uma sociedade em que grupos que são diferentes da norma androcêntrica e heterossexual são marginalizados? Para tanto, foram realizadas entrevistas e uma oficina com os/as docentes de um colégio da rede pública de ensino, com o intuito de questionar as relações de gênero e sexualidade que ocorrem no ambiente escolar. Posteriormente realizamos uma oficina a fim de (re) pensar certas representações e explanar algumas dúvidas dos professores que foram evidenciadas durante a entrevista. A escolha deste tema é justificável devido às preocupações no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, questionando a necessidade de superação dos preconceitos e discriminação gerados por uma cultura que se apresenta como superior na sociedade humana: a cultura branca, heterossexual, androcêntrica, patriarcal, de classe média.

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: prof.fabiane.freire@hotmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão – Unespar. E-mail: renata-santos.net@hotmail.com.

³ Artigo apresentado no VIII EPCT – Encontro de Produção Científica e Tecnológica, na Universidade Estadual do Paraná – Câmpus de Campo Mourão.

ABSTRACT: This article aims to investigate the role of gender and sexuality by (the) teachers (as) of the Elementary and Secondary Education in state schools. Given the political and social importance of this discussion raised the following problematizations: What social representations that persist in present day teachers and teachers in relation to gender and sexuality? How to deal with issues related to gender and sexuality in a society in which groups that are different from the heterosexual norm are androcentric and marginalized? Several interviews and a workshop with / the faculty of a college of public schools, with the aim of questioning gender relations and sexuality that occur in the school environment were performed. Later we held a workshop in order to (re) consider certain representations and explain some of the questions that teachers were observed during the interview. The choice of this theme is justifiable due to concerns with regard to gender relations and sexuality, questioning the necessity of overcoming prejudice and discrimination generated by a culture that presents itself as superior in human society: the white culture, heterosexual, androcentric, patriarchal, middle-class.

Key-words: Gender; Sexuality; Education school.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a dados finais de um projeto de iniciação científica que teve como objetivo investigar como se constitui as representações de gênero e sexualidade pelos(as) professores(as) do Ensino Fundamental e Médio da rede Estadual de Ensino. Em razão da importância política e social dessa discussão levantamos as seguintes problematizações: Quais as representações sociais de professores e professoras sobre gênero e sexualidade que persistem nos dias atuais? Como tratar as questões referentes ao gênero e sexualidade em uma sociedade em que grupos que são diferentes da norma androcêntrica e heterossexual são marginalizados? Para tanto, foram realizadas entrevistas com os/as docentes de um colégio da rede pública de ensino da

cidade de Boa Esperança - PR, com o intuito de questionar as relações de gênero e sexualidade que ocorrem no ambiente escolar. Posteriormente realizamos uma oficina a fim de (re) pensar certas representações e explicar algumas dúvidas dos professores que foram evidenciadas durante a entrevista. A escolha deste tema é justificável devido às preocupações no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, questionando a necessidade de superação dos preconceitos e discriminação gerados por uma cultura que se apresenta como superior na sociedade humana: a cultura branca, heterossexual, androcêntrica, patriarcal, de classe média.

Com base na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004) investigamos por meio de uma entrevista o que os(as) professores(as) de um colégio de Boa Esperança - PR entendem sobre as relações de gênero e sexualidade. Mediante suas falas e respostas analisamos o quanto estas podem influenciar em suas representações sobre a identidade de gênero e sexualidade. Posteriormente realizamos uma oficina com intuito de explicar algumas dúvidas dos professores que foram evidenciadas durante a entrevista. Neste sentido, analisamos as respostas dos(as) professores(as) a fim de problematizar e desconstruir certas representações que acabam por marginalizar grupos vistos como minoritários na sociedade.

GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

Ao analisar a conjuntura social é perceptível uma prática de discriminação e preconceitos contida na cultura e no contexto histórico da sociedade. Neste sentido, nos baseamos em autores como Louro (1997; 1999) Silva (2004) e Auad (2006) que compreendem o gênero e a sexualidade como uma construção social em que são problematizados os padrões atribuídos aos sujeitos, padrões de normalidade, maneiras de ser e de se comportar.

Ao refletirmos as questões de gênero e sexualidade como uma construção social, compreendemos que várias definições vistas como naturais são resultantes das relações de poder, que ao longo do tempo vão sendo caracterizadas cada vez mais como naturais, por serem praticadas e repetidas cotidianamente (AUAD, 2006). Daniela Auad comenta que as diferenças entre meninas e meninos, como por exemplo, meninas são vistas como meigas e meninos falam aos gritos. Essas representações são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas ao longo do tempo (AUAD, 2006).

Ao estender a análise em relação à diferença entre gênero e sexo, abordamos que:

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino). As relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construído em que cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos (AUAD, 2006, p. 21).

Partindo da análise de Guacira Lopes Louro (1997) reafirmamos a categoria gênero e sexualidade como uma construção social, para isso a autora esclarece:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais [...]. O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p. 26, 27).

Em relação à sexualidade e a teoria queer, o autor Silva (2004) a identifica como uma construção social. Apontando que não são apenas as relações e identidade de gênero que são construídas, mas como vivemos a nossa sexualidade também. O termo queer historicamente tem sido utilizado como insulto ao homossexual, significa “estranho”, “esquisito”, “incomum”, “fora do normal”, “excêntrico”. No entanto, o movimento homossexual o vê como uma maneira de “auto-identificação” em busca do questionamento da identidade sexual (p.105).

A teoria queer começa por problematizar a identidade sexual considerada normal, ou seja, a heterossexualidade. Em geral, é a identidade homossexual que é vista como um problema. A heterossexualidade é a norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobretudo a homossexualidade, é vista como um desvio, como uma anormalidade (SILVA, p. 106, 2004).

Ao voltarmos o nosso olhar para escola, Louro (1999, 1997) constata que é um espaço que produz a pedagogia da sexualidade, legitimando identidades e práticas sexuais, censurando e marginalizando outras. Para a autora, é necessário problematizar as representações sociais de gênero e sexualidade, apresentadas

pela escola e outros meios mediante um procedimento desconstrutivo, para que não reproduza a desigualdade social e modelos de conduta aceitáveis e não aceitáveis.

A autora nos afirma que as práticas, os currículos e os materiais didáticos são orientados através de um único modelo, "haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico" (LOURO, 2010, p. 44). Neste sentido, argumentamos que "a solução não consistiria simplesmente numa inversão, mas em construir currículos que refletissem, de forma equilibrada, tanto a experiência masculina quanto a feminina" (SILVA, 2004, p. 94).

Educar homens e mulheres com o princípio de uma sociedade democrática exige uma "reflexão coletiva, dinâmica e permanente" (AUAD, 2006). Diante disso, buscamos problematizar e desconstruir certas desigualdades construídas no contexto histórico da sociedade. Daniela Auad (2006) cita Maria Victoria Benevides, no qual interpreta que "o contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade pode ser um crime" (p. 23). Neste sentido, vislumbramos a construção de sociedades pautadas na diversidade cultural, que reconheça a diferença e a pluralidade cultural como um fator positivo, desconstruindo conceitos naturalizados e permanentes.

Baseamo-nos na teoria das representações sociais ao ressaltar que estas "[...] nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva" (JODELET, 2001, p.17). A autora define que "a representação social tem como objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito" (JODELET, 2001, p.27).

Sandra Jovchelovitch (2008) define representação como um processo da vida humana que abrange o desenvolvimento do indivíduo, da sociedade e da cultura. No entanto, para a autora, o conceito tradicional de representação está ancorado em um modelo dualista de sujeito e objeto. É neste sentido, que tanto a Teoria

das Representações Sociais quanto os Estudos Culturais nos abrem espaços para problematizar os espaços binários, fixos e dualistas. “Modelos dualistas, baseados em uma visão cartesiana da mente, consideram o processo de representação como um ato mental, em que, para conhecer o objeto, o sujeito processa a informação que deste lhe é apresentada” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 45).

Propomos com base na teoria das representações sociais que “pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (MOSCOVICI, 2011, p.43).

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Em busca da valorização e da igualdade de gênero e o reconhecimento da diferença, realizamos uma pesquisa e uma oficina com o intuito de discutir estas questões. Visando compreender as representações e a ação docente sobre os conceitos de gênero e sexualidade e baseado na vertente dos Estudos Culturais (SILVA, 2004) e na Teoria das Representações Sociais (JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2008; MOSCOVICI, 2011) investigamos por meio de entrevistas o que e como os/as professores/as de uma escola pública de Boa Esperança/PR, entendem as relações de gênero e sexualidade, com base em suas falas.

Partimos do campo dos Estudos Culturais que “[...] estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder” (GIROUX, p. 86, 1995). Além disso, os Estudos Culturais compreendem que:

[...] a educação gera um espaço narrativo privilegiado para alguns/algumas estudantes e, ao mesmo tempo, produz um espaço que reforça a desigualdade e a subordinação para outros/as. Corporificando formas dominantes de capital cultural, a escolarização frequentemente funciona para afirmar as histórias eurocêtricas e patriarcais, as identidades sociais e as experiências culturais dos/as estudantes de classe média, ao mesmo tempo que marginaliza ou apaga as vozes, as experiências e as memórias culturais dos/as assim chamados/as estudantes da “minorias” (GIROUX, 1995, p. 86).

Baseamo-nos em Denise Jodelet (2001) que discute sobre as representações sociais enfatizando que:

Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Desta forma, é através de representações sociais que construímos nossos pontos de vistas, nossas crenças e atitudes na sociedade. Antes mesmo de nascermos somos construídos diante de representações que se produzem de acordo com o nosso sexo. Com isso as representações referem-se aos valores e percepções da sociedade que são vistas como naturais e estáveis.

Pesquisas como estas são importantes, pois entendemos que “os/as educadores/as não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho [...]” (GIROUX, 1995, p. 88).

Em um primeiro momento houve o convite os(as) professores(as) para participarem da pesquisa. Ao todo foram seis professores/as, sendo quatro mulheres e dois homens, que responderam a uma entrevista composta por 19 questões.

A entrevista foi composta por um roteiro de questões sobre gênero e sexualidade, com o intuito de averiguar quais as representações dos/as professores/as com relação ao assunto pesquisado. As verbalizações dos/as professores/as no decorrer das entrevistas foram transcritas na íntegra para discussão e análise dos dados. A pesquisa realizada com os/as professores/as trouxe diversas discussões referentes às relações de gênero e sexualidade no que tange o ambiente escolar.

De início, a entrevista absteve-se em perguntas relacionadas ao perfil do professor, com intuito de termos uma interação entre pesquisador e entrevistado. O quadro abaixo demonstra algumas características dos sujeitos da pesquisa:

Docentes	Sexo	Tempo que leciona na instituição	Formação	Disciplinas	Nível em que atua
Professor 01	M	27anos	Geografia	Geografia e História	Ensino Fundamental e Médio
Professor 02	F	30 anos	Pedagogia/Auxiliar em Enfermagem	Filosofia, Formação Docente e as disciplinas pedagógicas	Ensino Fundamental, Médio e Formação Docente
Professora 03	F	32 anos	Letras	Português	Ensino Fundamental
Professora 04	F	3 meses	Matemática	Matemática	Ensino Médio
Professora 05	F	8 meses	Educação Física	Educação Física	Ensino Fundamental e Médio
Professor 06	M	8 anos	Educação Física	Educação Física	Ensino Fundamental e Médio

Quadro de identificação dos sujeitos da pesquisa. Adaptado de FRANÇA (2009)

Em relação à oficina contamos com a presença de 07 professores(as), a temática abordada buscou trabalhar as representações de gênero e sexualidade na visão dos docentes. Tendo como base a entrevista realizada com os 06 professores(as) do mesmo estabelecimento de ensino, apresentamos algumas definições sobre gênero e sexualidade

com base na literatura especializada (LOURO, 2007; AUAD 2006).

QUADRO DE ANÁLISE: ELECANDO CATEGORIAS

A construção das análises foram organizadas em três categorias, a primeira categoria corresponde às perguntas relacionadas ao conceito de gênero, a segunda as questões de sexualidade e por fim a categoria envolvendo a formação de professores.

Essas categorias foram organizadas com base nas questões da entrevista, as quais tiveram o gênero, sexualidade e formação de professores como principal temática. A categoria gênero irá abranger questões como qual é o seu gênero, o que é ser homem e o que é ser mulher, se existem vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher e se existem brinquedos destinados para cada sexo. Em relação à categoria sexualidade perguntamos qual era o sexo, a sexualidade dos professores(as) e por fim o que era homossexualidade e heterossexualidade. No que diz respeito à última categoria formação de professores interrogamos sobre a experiência profissional, as leituras realizadas, sugestões de trabalho e prática docente em relação ao gênero e a sexualidade.

CATEGORIA GÊNERO

Os professores(as) entrevistados ao referirem-se ao seu gênero o interpretaram como feminino ou masculino. Neste sentido, nos baseamos em Daniela Auad (2006) que considera o gênero como representações do feminino e do masculino, estas que são socialmente construídas, vistas e praticadas como naturais. Desta forma, as relações de gênero:

[...] a educação gera um espaço narrativo privilegiado para alguns/a[...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 1997, p.28). No primeiro momento, a revolta dos trabalhadores foi direcionada à destruição das máquinas, pois as consideravam como causadoras do seu desemprego e dos males que os atingia. Marx afirma que “é preciso tempo e experiência até que o trabalhador distinga a maquinaria de sua aplicação capitalista e, daí, aprenda a transferir seus ataques do próprio meio de produção para sua forma social de exploração” (MARX, 1985b, p. 47).

No que se refere à compreensão do que é ser homem e ser mulher na visão dos(as) docentes o professor 01 deu a seguinte resposta: Tanto ser homem quanto ser mulher não difere. Todos têm os seus compromissos, trabalho. Só algumas exceções de repente existem algum trabalho que seja mais propicio para homem do que para mulher, não que ela não possa fazer (ficou pensativo).

Ao analisar a resposta observamos que o professor 01, ao mesmo tempo em que fala que não difere ser homem ou mulher, complementa que existe algum trabalho que seja mais propicio para homem do que para mulher. Entendemos que no decorrer da história há desigualdades no acesso a educação, em que algumas disciplinas são consideradas masculinas e outras femininas, isso se estende nas profissões, no qual, algumas são consideradas masculinas não podendo ser ocupada por mulheres (SILVA, 2004). Algumas mudanças estão ocorrendo na sociedade, mas as mulheres mesmo ocupando cargos considerados masculinos são menos valorizadas pela simples “condição” de ser mulher, por ser considerada menos capaz.

A professora 05 argumentou que “Mulher é mais delicada, amorosa. O homem é mais durão, machão, “eu mando””. Ao verificar a resposta dada pela professora, notamos que “o feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem” (AUAD, 2006, p.22).

No que se refere a brinquedos destinados para meninos e para meninas os (as) professores(as) (01, 02, 03 e 04) argumentaram que não existem brinquedos destinados para cada sexo. Como podemos ver em uma das falas: “Não. Brinquedo tanto menino quanto menina pode brincar. Existe preconceito e quem imprime certos rótulos são os adultos”. Os(as) professores(as) (05, 06) acreditam que existem brinquedos para cada sexo, isso fica evidente em uma das respostas: “Sim. Porque o meio influencia e se você deixar as meninas brincar de carrinho e os meninos de boneca no futuro isso irá influenciar suas escolhas” (professor 06). Ressaltamos que o brincar ativa as relações de gênero, em que as representações de meninos e meninas se tornam presentes (AUAD, 2006). No entanto, não são as práticas do brincar que irão influenciar a sexualidade de uma pessoa, mas a atração e desejo, seja por uma pessoa do mesmo sexo, seja por uma pessoa do sexo oposto.

CATEGORIA SEXUALIDADE

Para adentrarmos a categoria sexualidade iniciamos com a indagação do sexo e da sexualidade do professor. Para explicitar as respostas, as organizamos na seguinte tabela:

Professor	Sexo	Sexualidade
Professore 01	Masculino	Masculino
Professor 02	Feminino	Heterossexual
Professor 03	Feminino	Feminino
Professor 04	Feminino	Feminino
Professor 05	Feminino	Feminino
Professor 06	Masculino	Heterossexual

Como é possível observar a maioria dos(as) professores(as) compreendem o sexo e a sexualidade com o mesmo significado. Neste sentido nos baseamos em Louro (1997, p. 26) que explica, identidade de gênero e identidade sexual da seguinte maneira:

Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.

Além disso, ao questionar os(as) professores(as) sobre homossexualidade e heterossexualidade os/as professores/as (01, 02 e 06) contribuíram com ideias parecidas, relatamos o resposta da professora 02 que mencionou: "Homossexualidade pra mim é você gostar de uma pessoa do mesmo sexo que a atrai, atração

física e você sente prazer com a outra pessoa. E heterossexualidade é você gostar do outro sexo e se realizar nele". A professora 04 declarou que não sabia a resposta, enquanto as professoras 03 e 05 se confundiram, como colocado a seguir: "Homossexualidade quando faz homem com homem e heterossexualidade é quando o homem casado faz com outro homem" (professora 03). "Homossexualidade é Gay, Heterossexualidade seria aquele que é os dois lados" (professora 05).

Diante disso, compreendemos que homossexualidade seria "atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo" e heterossexualidade "o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoas do sexo oposto" (SANTOS; ARAUJO, 2009, p.18, 19). A confusão apresentada pelos professores reforça a justificativa da realização de trabalhos como estes, pois os conceitos ainda são muito vagos e superficiais, justamente por não serem abordados, discutidos e comentados teoricamente.

CATEGORIA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

De início ao questionar uma das professoras se em sua experiência profissional ela já havia presenciado algumas situações relacionadas ao gênero e à sexualidade e se poderia nos relatar algum exemplo, a professora nos deu a seguinte resposta: "Sim. Já dei aula. A pessoa que tinha esse problema de gênero e sexualidade era um ótimo aluno e não tenho que reclamar desse tipo de pessoa" (professora 03). A partir dessa resposta nos focamos ao termo utilizado pela professora: "problema" e argumentamos que este termo pejorativo pode marginalizar as pessoas que não se enquadram na "norma", vistos como minoria na sociedade. Desta maneira, o estudo do movimento queer problematiza a identidade sexual, tido como normalidade, a heterossexualidade, em relação à homossexualidade que é considerada como um problema, um desvio ou uma anormalidade (SILVA, 2004).

Neste sentido, "pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade (SILVA, 2004, p.107).

Em relação à materiais sobre as discussões de gênero, sexualidade e diversidade foi possível verificar a partir da entrevista que os(as) professores(as) 01 e 05 nunca haviam lido ou ouvido falar sobre a temática, enquanto os(as) professores(as) 02, 03, 04, 06 relataram que já haviam lido reportagens, materiais disponibilizados

pela Secretaria de Estado da Educação (SEED) e assistido palestras.

Como nos coloca França e Calsa (2008) é preciso que os professores tomem consciência sobre os conceitos de gênero e sexualidade, através de uma formação continuada que proporcione discussões e explicações sobre a temática e assim “reconstrua” novos conhecimentos livres de valores discriminatórios. Diante disso, é necessário realizar uma prática educativa que valorize as diferenças em busca de uma educação questionadora e desconstrutiva de concepções vistas como naturais.

Os(as) professores(as) também opinaram sobre sugestões de trabalho sobre gênero e diversidade na escola, um dos professores argumentou que o “primeiro passo é estar informado sobre o assunto, segundo passo é ser imparcial, tolerante, agir com respeito” (professor 01).

Outra professora comentou sobre a necessidade da escola ter profissionais que discutam sobre o tema:

O primeiro trabalho deveria ser permanente, de construção de conceitos e de acompanhamento. Eu gostaria que na escola houvesse um grupo que se reunisse todo mês na escola e que tivesse pessoas que estudassem sobre o assunto para discutirmos. As vezes eu percebo que a sociedade não se organiza, a gente observa que muitas vezes o que trabalhamos aqui na sociedade se perde (professora 02).

A partir da fala da professora retomamos a afirmação de Daniela Auad que ressalta que “educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente” (2006, p.14). Outro professor apontou “o exemplo” como sugestão de trabalho, complementando: “porque o meio influencia e muito, veio a psicóloga na escola e disse que sexualidade é genética, você nasce homossexual ou heterossexual, eu já acho que não, pra mim é a partir do convívio que a criança se espelha” (professor 06). Buscamos compreender a partir de Tomaz Tadeu da Silva que:

Não são as formas pelas quais aparecemos, pensamos, agimos como homem ou como mulher – nossa identidade de gênero – que são socialmente construídas, mas também as formas pelas quais vivemos nossa sexualidade. Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é, tal como a identidade de gênero, uma construção social e cultural (SILVA, 2004, p. 106).

Neste sentido, acreditamos que a sexualidade não é genética, ao mesmo tempo não é algo que se adquire ou se ensina pelo contexto social, pois envolvem sentimentos, desejos. Desta forma, são múltiplas as formas de viver e sentir a sexualidade e não há uma regra definida que homens devem se relacionar com mulheres e vice-versa, há diversas formas de viver a sexualidade. No entanto, os discursos trazidos pela sociedade, escola, família, literatura e outros meios buscam normatizar a sexualidade, compreendendo que sexo, gênero e sexualidade devem seguir uma ordem, fêmea/mulher, feminina e heterossexual ou macho/homem, masculino e heterossexual, e quando os sujeitos não se identificam com esta norma de alguma maneira sofrem preconceito.

Para finalizarmos a nossa pesquisa, buscamos questionar se as discussões de gênero e sexualidade são abordadas pelos(as) professores(as) em sala de aula, os professores 01, 02, 03 e 06 responderam que sim. Já os(as) professores(as) 04 e 05, responderam que não discutem. Para compreendermos, utilizamos as falas das seguintes professoras: “não Falo. Só se eu vejo alguma coisa converso, chamo a atenção. Por que senão os alunos falam para os pais ‘a professora está dando aula de sexualidade na escola’ (professora 05). Outra professora ressaltou:

Sempre. Porque fazem parte do cotidiano dos nossos alunos as relações sobre o masculino e sobre o feminino. Na adolescência principalmente os meninos “se acham” e cabe a mim mostrar que cada um se complementa. E quando se tem o “diferente” é quando é mais difícil de se trabalhar porque os alunos tem muito preconceito pois não conseguem classificá-lo, uns falam que ele é feminino outros que só é o jeito de ser e isso traz muita provocação (professora 02).

Desta forma, reforçamos que pesquisas e discussões como essas são fundamentais no ambiente escolar. Pois, como França e Calsa (2008, p. 06) sustentam os adultos não vêem as crianças e os adolescentes como cidadãos que precisam falar sobre sexualidade, “um diálogo necessário à escola é abordar o corpo, os sentimentos, os anseios e os conflitos dentro do ambiente escolar. Falta uma compreensão mais sistematizada por parte dos docentes de que nenhuma identidade é natural, ela é produzida.

PROCESSO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: REALIZAÇÃO DA OFICINA

A oficina realizada em um Colégio do Município de Boa Es-

perança contou com a presença de 07 professores(as). A temática abordada buscou trabalhar as representações de gênero e sexualidade na visão dos docentes. Tendo como base uma entrevista realizada com 06 professores(as) do mesmo estabelecimento de ensino.

Na entrevista uma das principais dificuldades encontradas pelos professores foi a de diferenciar: gênero, sexo e sexualidade. Neste sentido, a princípio foi perguntado para os/as professores/as qual seria o seu sexo, gênero e sexualidade? Os professores (as) que não responderam a entrevista, mas que participaram da oficina também encontraram grande dificuldade em diferenciar estes conceitos. Com isso, buscamos refletir sobre os significados e algumas dúvidas dos(as) professores(as) sobre esses conceitos.

Explicamos que gênero e sexo estão associados, pois fazem parte da construção da identidade individual e social do sujeito. No entanto, entendemos que sexo refere-se aos aspectos “biológicos da identidade sexual, o termo “gênero” refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual” (SILVA, 2011, p. 91). E sobre sexualidade esclarecemos a diversidade das relações. Apresentamos o conceito de homossexualidade como “atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo” e heterossexualidade “o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoas do sexo oposto” (SANTOS; ARAUJO, 2009, p.18, 19).

Outra discussão da oficina foi sobre os termos opção sexual e orientação sexual, pois o discurso trazido pelas teorias compreende que:

[...] quando uma pessoa opta por algo, ela faz uma escolha entre várias ou, no mínimo, entre duas possibilidades. As pessoas com orientação homossexual não optam por se apaixonar e se relacionar intimamente com pessoas do mesmo sexo. Em primeiro lugar porque se pudessem, provavelmente, não optariam por ser alvo de ações, comentários ou olhares preconceituosos e discriminatórios, uma vez que a regra dominante é a heterossexualidade. Em segundo lugar, porque o desejo afetivo-sexual dessa pessoa é orientado a pessoa do mesmo sexo, assim como ocorre a heterossexualidade, em que o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoa do sexo oposto (SANTOS, ARAUJO, 2009).

Na entrevista muitos(as) professores(as) relataram que não tinham conhecimento sobre livros que abordam a temática,

nesta direção, levantamos alguns materiais, para que os (as) professores(as) tivessem acesso e conhecimento. Com exemplo de materiais citados estão Guacira Lopes Louro (1997; 1999) Michael Foucault (1987; 2006) e Pierre Bourdieu (2003) além dos materiais disponibilizados pela SEED que a escola possui, porém poucos sabem e/ou buscam estudá-los.

CONCLUSÃO

Consideramos que a escola não é somente um ambiente que produz representações de gênero e sexualidade, mas um ambiente propício para defender os direitos humanos e questionar o preconceito tão disseminado na sociedade.

Neste sentido, a escola seria um ambiente para realização da pesquisa, por promover a interação da diversidade humana, de valores, culturas e da diferença. Além disso, a pesquisa sobre a produção de gênero e sexualidade no ambiente escolar poderá refletir sobre esses conceitos, que são carregados de preconceitos e valores, sendo necessários maiores discussões sobre a temática no ambiente escolar.

necessários maiores discussões sobre a temática no ambiente escolar.

Tendo em vista a atual conjuntura social, as discussões acerca da temática são relevantes para formação de professores e professoras. Como aponta pesquisas realizadas por (FRANÇA, 2009) mesmo os/as educadores que querem trabalhar esses temas em sala de aula sentem-se desamparados pela falta de formação. Como observado em algumas respostas dos/as professores/as. Além de muitos terem comentado que já haviam lido textos sobre a temática, assistido palestras muitos encontraram dificuldades em responder algumas questões.

Diante disso, temos como hipótese de trabalho a co-educação que irá proporcionar condições igualitárias de aprendizagem, questionando e reconstruindo ideias e representações que temos sobre o feminino e o masculino. Lembrando que a condição igualitária refere-se a direitos iguais de reconhecimento, acesso e permanência em qualquer espaço, independente das diferenças sociais, econômicas e culturais de cada sujeito e o reconhecimento de suas diferenças. Este caminho é vislumbrado, mediante uma educação que desconstrua valores hegemônicos

e preconceituosos como a distinção de profissões para cada sexo, matérias escolares e comportamentos (AUAD, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. As contribuições dos estudos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar dos docentes. 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST40/Franca-Calsa_40.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2011.

FRANÇA, Fabiane Freire. A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JODELET, Denise. As representações sociais. Tradução Lilian Ulup, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). O corpo

educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.); FELIPE, Jane (Org.); GOELLNER, Silvana (Org.). Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigação em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTOS, Dayana B. C. dos S.; ARAUJO, Débora C. Sexualidades e Gêneros: Questões Introdutórias. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.